

Editorial

Parece que na atualidade a Psicanálise viralizou! Como assim? Se você procurar pela palavra “psicanálise” na internet, virão inúmeros podcasts, cursos online, os ditos psicanalistas de plantão e principalmente a grande e “poderosa” IA (Inteligência Artificial). A questão posta se coloca na clínica, questiona-se de que maneira as tecnologias da IA reconfiguram a experiência de desamparo, tanto em seu aspecto constitutivo quanto em sua ilusão de controle. Parece claro que a IA pode atuar como uma defesa contra o mal-estar. Negar o desamparo constitutivo, as faltas as perguntas e os porques, fazem parte da dinâmica da atualidade. Respostas imediatas e previsíveis parecem fazer parte do universo dos sujeitos ávidos pela satisfação plena. Falamos até mesmo da quantidade de faculdades que oferecem cursos de psicanálise, inclusive online, cursos de formações sem critérios éticos da transmissão da psicanálise desde Freud. Enfim, tempos difíceis... Ainda bem que pertencemos ao Movimento Articulação das Entidades psicanalíticas, na luta contra a regulamentação da psicanálise. Atualmente a mercantilização das universidades e demais entidades de cunho ideológico e ou religioso, vem tentando regular aquilo que Freud jamais faria. A ideia de não regulamentar está ligada à como fazer uma formação e exercer de forma regulada? Reafirma-se segundo Segal (2019), que a formação supõe um percurso singular, único e pessoal: a travessia subjetiva da experiência analítica, a qual se torna um instrumento de trabalho fundamental para a posição de escuta, além da supervisão e arcabouço teórico.

Ao abordarmos temas como transmissão da psicanálise e o emaranhado tecnológico que estamos vivendo, precisamos sustentar de que forma a psicanálise pode contribuir.

O que nos importa, como psicanalistas não é ir de encontro às tecnologias, tão ricas e igualmente importantes hoje, nem tampouco criticar as formas de transmissão da psicanálise. Porém, estamos diante de distorções graves, de excessos, do pathos se fazendo presente no sofrimento psíquico do sujeito, inclusive o que comparece à clínica psicanalítica. Clínica essa

que em sua ética, pode contribuir inclusive para entender as novas formas de relação do sujeito com as tecnologias, que também nos convocam a pensar sobre a forma de como as sociedades psicanalíticas devem sustentar o legado de Freud na luta pela análise leiga, nessa sociedade tão imediatista e consumista que oferece a felicidade a cada click no enter!

Aproveito este momento para fazer um recorte clínico de um jovem de 26 anos que me procura e diz: “eu perguntei para IA(Inteligencia Emocional) sobre estar sentindo um vazio no peito” e a IA respondeu: “ este vazio é uma forma muito comum de descrever um estado emocional. É uma espécie de tristeza silenciosa. Você pode melhorar nomeando o que sente e sendo positivo e suas atitudes”. Assim esse jovem chega na clínica e diz que a resposta da IA não o satisfaz. Felizmente!

Os assistentes virtuais em suas respostas instantaneas, extraídas de um banco de dados generalizado, chegam a iludir aos que querem respostas imediatas, mas jamais levarão em conta a singularidade e a subjetividade do sujeito. Como querer saber sobre si sem se perguntar? Apenas esperando respostas prontas? É na e pela transferencia numa posição de escuta que é possível a palavra reverberar e ter sentido para o sujeito. Ao nos depararmos com este formato de demanda nas redes sociais, penso que estamos diante de uma forma de contornar, evitar, controlar ou se defender do

desamparo, da falta constitutiva de todo ser vivente.

Freud em seu grandioso texto *O Mal Estar na Cultura (1930)*, já anunciava as formas de sofrimento que se contextualizam até os dias de hoje, frente às forças da natureza, do corpo, da finitude e principalmente da relação com o outro. Sabemos que esse mal estar que nos assola, nos confronta sempre com o desamparo de cada um de nós, para além dos arranjos que podemos fazer para lidar com ele.

É fato a contribuição da psicanálise nas mais diversas camadas e mais ainda quando se trata da *diversidade* da clínica psicanalítica hoje. Estamos diante de desafios e impasses, as tecnologias e suas implicações psíquicas, o corpo em psicanálise, a atualidade da metapsicologia freudiana, novas estruturas sintomáticas, o sofrimento psíquico diante das questões climáti-

cas, de genero, sexualidade, etarismos, racismos, adicções e outros temas muito instigantes que comparecem na nossa escuta psicanalítica.

A Revista Estudos de Psicanálise, sempre nos aponta para a produção de artigos que transmitem a psicanálise em sua potencia, com artigos ricos e atravessados pela cultura que nos afeta e reflete os conflitos inerentes ao sujeito em sociedade, confrontado com a castração e o desamparo a que todos estamos submetidos.

Elizabeth Samuel Levy

Fundadora e Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Pará/CPPA